

Entrado na Mesa às 15H 40
Data 6/01/2003

O Secretário da Mesa,

Manuel Pereira

Voto de pesar pela falecimento de

José Craveirinha

Voto n.º 39 / IX

1

Distribua-se
pelo GP1

em 6/01/03

Manuel Pereira

Para Moçambique, a perda de José Craveirinha não é apenas a perda de uma voz maior da literatura moçambicana, é a perda de uma das vozes fundadoras de uma identidade literária moçambicana, a qual atravessou o século XX e que, portanto, empreendeu a caminhada que o povo moçambicano e a sua literatura percorreram no sentido da afirmação da independência.

Depois de 80 intensos anos de vida, em que foi sobretudo poeta, mas também atleta e jornalista e revisor e contista e ensaísta e "cidadão de uma nação que ainda não existe", como ele proclamou no seu livro de estreia *Xigubo*, editado em Lisboa, em 1964, pela Casa dos Estudantes do Império, Craveirinha deixa-nos mas não sem antes nos ter contemplado, em 1995, com uma espécie de testamento, a que chamou "Poema de José Craveirinha num dia em que estava todo negro" e onde diz:

Olhem José Craveirinha que vai

vestido de negro passando

no luto calmo de si mesmo. (...)

Olhem José Craveirinha que leva o autêntico cerne

(...) do signo romântico das aves que cantam
na fatal paisagem de um continente
e nos poemas subversivos que o poeta não inventou. (...)
Olhem José Craveirinha que vai
No fatalismo atávico dos tambores rongas
Passando vestido de negro
No luto de si mesmo"

E nestes versos Craveirinha diz-se inteiro naquilo que constituiu o essencial da sua poesia, da sua prática da cidadania, da sua vida: a afirmação de uma identidade moçambicana construída

- por um lado, num discurso literário que, como lembra Rui Knopfli, "transporta em si, profundamente arreigadas, as sementes de revolta, a denúncia frontal de uma exacerbada condição de injustiça, o amor e a raiva, temperados no lume obstinado da compaixão e solidariedade " - e basta lembrar alguns versos do famoso poema "Grito negro":

Eu sou carvão.
Tenho que arder
Queimar tudo com o fogo da minha
Combustão.
Sim!
Eu sou o teu carvão, patrão.

- por outro lado, (uma identidade moçambicana) feita de um ideal de mestiçagem harmoniosa, que de resto o marca biologicamente, filho que foi de pai algarvio branco e de mãe ronga negra, mestiçagem cultural espelhada no célebre poema "A fraternidade das palavras" , que termina assim :

E eis que num espasmo
de harmonia como todas as coisas
palavras rongas e algarvias ganguissam
neste satanhoco papel
e recombinaam o poema.

Craveirinha iniciou a sua actividade quer como jornalista, quer como poeta, nos anos 50, no jornal moçambicano *Brado Africano*, jornal pelo qual lutou com todas as suas forças, tendo publicado depois em revistas africanas, portuguesas, como *Mensagem*, e brasileiras, sobretudo, embora hoje seja um poeta traduzido em inúmeras línguas. Ele é de resto um escritor muito premiado nacional e internacionalmente, tendo sido prémio Camões em 1991.

Para além do já referido *Xigubo*, logo apreendido pela PIDE, que o usou como prova nos processo de que foi vítima durante o período em que esteve preso, entre 1965-69, Craveirinha tem inúmeros títulos publicados, de que destaco *Karingana ua Karingana*, *Cela 1*,

Maria. Foi um embaixador da literatura moçambicana no mundo e foi o 1º Presidente da Associação de Escritores Moçambicanos.

Para além de tudo isto, e porventura antes de tudo isto, Craveirinha foi um apaixonado pela língua portuguesa que cultivou com exaustivo trabalho e que aprendeu a amar pelos lábios desse pai algarvio, colono pobre cuja voz grave relembra "recitando Guerra Junqueiro ou Antero", a quem ele dedicou um extraordinário poema intitulado "Ao meu belo pai ex-emigrante", no qual garante:

(...) não esqueço
 meu antigo português puro
 que me geraste no ventre de uma tombasana
 eu mais um novo moçambicano
 semiclaro para não ser igual a um branco
 qualquer
 e seminegro para jamais renegar
 um glóbulo que seja dos Zambezes do
 meu sangue.

É portanto também a língua portuguesa que está de luto hoje, porque foi um grande poeta de língua portuguesa que perdemos todos, moçambicanos, portugueses e todos quantos falam e amam o português, todos quantos querem dizer com Craveirinha:

Amigos:
 as palavras mesmo estranhas

se têm música verdadeira
só precisam de quem as toque
ao mesmo ritmo para serem
irmãs.

Em 1997, no Centro Cultural do Alto Minho, num encontro em que Luandino Vieira o considerou um "dos maiores poetas da África Austral", Craveirinha lembrava que grande parte da responsabilidade da permanência ou não do português em Moçambique depende de Portugal: importa então que ao lembrar hoje Craveirinha lembremos esta premente, urgente e patriota necessidade de contribuirmos para tocar ao mesmo ritmo as palavras portuguesas para poderem continuar a ser irmãs.

Ao povo moçambicano e à família de José Craveirinha, a AR manifesta assim o seu maior pesar.

ISABEL PIRES DE LIMA 


Carlos Carvalhas


António Filipe


Augusto Santos Silva


Luiz Fagundes Duarte


António Sérgio


Isidoro de Sá


Manuel de Sá


José Teixeira Lopes


Paulo Sousa


Luís de Sousa


António Sérgio


António Sérgio